



# A DERIVAÇÃO DA EXPRESSÃO QUANTIFICADA DP+*TUDO* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO COLOQUIAL

---

ARION DE SOUZA CRUZ\* | HELENA GUERRA VICENTE\*\*

---

## RESUMO

Neste *squib*, apreciamos parte da proposta de Lacerda (2012), que associa o fenômeno de *Q-float* a movimentos sintáticos para projeções informacionais da sentença. De acordo com o autor, a existência da ordem DP+Q<sub>quantificador</sub> (favorecida em determinados contextos discursivos) é uma idiosincrasia dos itens *todos* e *tudo*, derivada por movimento do DP para uma projeção de tópico à esquerda do QP. O autor propõe que o português brasileiro (PB, doravante) apresenta camadas informacionais de tópico e foco na periferia esquerda do QP. Assumindo a hipótese de Trannin (2016) de que o PB coloquial apresenta duas gramáticas distintas em relação ao uso de *tudo* e a análise de Guerra Vicente (2006) de que a relação entre Q e DP é a de complementação (não de adjunção), nosso intuito é apontar o problema da postulação *ad hoc* de uma projeção vazia (qP) na proposta de Lacerda (2012) para a derivação da ordem DP+Q no PB.

**Palavras-chave:** tudo, quantificador, *Q-float*, tópico, foco

## ABSTRACT

In this *squib*, we analyze a part of Lacerda's (2012) proposal, which associates *Q-float* with syntactic movements to informational projections of the clause. According to this author, the existence of the DP+Q<sub>quantifier</sub> order (which is preferred in some discursive contexts) is a peculiarity of items such as *todos* and *tudo* (meaning 'all'), derived by DP movement to a topic projection on the left of QP. The author proposes that Brazilian Portuguese (BP, henceforth) exhibits informational layers such as topic and focus on the left periphery of QP. Assuming Trannin's (2016) hypothesis that colloquial BP has two distinct grammars associated with the usage of *tudo* and assuming Guerra Vicente's (2006) analysis, in which the relation between Q and DP is one of complementation (not adjunction), our aim is to point out the problematic postulation of an empty projection (qP) related to the derivation of DP+Q order in Lacerda's (2012) proposal.

**Keywords:** *tudo*, quantifier, *Q-float*, topic, focus

---

\* Universidade de Brasília, UnB. Doutorando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da UnB, e-mail: arionsouzac@gmail.com.

\*\* Universidade de Brasília, UnB. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3247-2737>, e-mail: helenaguerravicente@gmail.com. Agradecemos aos pareceristas anônimos pelas observações feitas.

## 1 INTRODUÇÃO

Nosso objeto de estudo é o uso quantificacional do item *tudo* no PB coloquial, fenômeno já observado na literatura (GODOY, 2005; CANÇADO, 2006; GUERRA VICENTE, 2006; SEDRINS, 2011; LACERDA, 2012; CRUZ, 2016; CRUZ; GUERRA VICENTE, 2016; TRANNIN, 2016) e ilustrado a seguir pelos dados em (1) e (2).<sup>1,2</sup> Argumentaremos que, nas variedades populares do PB, *tudo*, que é um elemento nuclear, Q<sup>0</sup>, seleciona um DP como seu argumento, podendo (ou não, conforme os dados do *corpus* coletado por Trannin (2016) atestam<sup>3</sup>) mover-se para a esquerda de Q. Em relação a esse movimento do DP, nosso objetivo é analisar a proposta de Lacerda (2012), que defende que o PB apresenta camadas informacionais de tópico e foco na periferia esquerda do QP, para onde o DP se move quando é derivada a ordem DP+*tudo/todos*.

- (1) a. O pessoal *tudo* chegando atrasado, e eu vou ficar calado?<sup>4</sup>  
b. Enviaram os diário *tudo* ontem.

(CRUZ; GUERRA VICENTE, 2016, p. 90, dados (4-5))

- c. *tudo* os cigarro que eu compro só fala sobre impotência sexual [...]  
d. acho que eu errei *tudo* as concordancia

(TRANNIN, 2016, p. 59-61, dados (7) e (12))

- (2) As menina foram pro Rio *tudo* de avião.

(CANÇADO, 2006, p. 164, dado (44c))

Os dados em (1) mostram que *tudo* pode estar associado a um sintagma nominal adjacente, tanto na posição de sujeito quanto na de objeto, ocasionando leitura quantificacional. Já o

1 Englobaremos sob o rótulo “coloquial” as diversas variedades não padrão do PB. Segundo Trannin (2016), parece haver no PB não padrão duas gramáticas distintas em relação ao uso de *tudo* como quantificador: uma mais “restritiva”, mais sensível à concordância nominal/verbal, em que a ordem *tudo*+DP não é gramatical, e outra menos restritiva, relacionada a uma morfologia flexional mais fraca, em que é possível encontrar tanto a ordem DP+*tudo* quanto a ordem *tudo*+DP (como é o caso dos dados em (1c) e (1d)). Toda a literatura a respeito do assunto em PB trata apenas da gramática “restritiva” do uso quantificacional de *tudo*, com exceção da tese de Trannin (2016).

2 Há a possibilidade de itens como *tudo* ocorrerem com leitura de intensidade (e não somente de quantidade), como ilustrado nos dados em (4), o que não estará sob o escopo deste *squib*. A esse respeito, remetemos o leitor a Cruz (2016).

3 Do *corpus* composto de um total de 327 ocorrências escritas de *tudo*, coletadas na rede social *Twitter* por Trannin (2016), 99 ocorrências (ou seja, pouco mais de 30% dos dados) têm a ordem *tudo*+DP lexical ou pronominal, ao passo que apenas 80 ocorrências apresentam ordem DP+*tudo* (ou seja, pouco menos de 25% dos dados). Ademais, nos experimentos de aceitabilidade feitos pela autora, quase 19% dos participantes (de diversos níveis de escolaridade) consideraram gramaticais sentenças com ordem *tudo*+DP em diferentes contextos sintáticos. Contudo, os contextos discursivos nos quais cada ordem é favorecida não foram objeto de estudo da autora.

4 Estamos considerando *O pessoal tudo* como o constituinte sintático que figura como sujeito oracional. Outra possibilidade de interpretação do dado é a de que *O pessoal* seja um tópico e *tudo* esteja enclachado (*stranded*) na posição de sujeito.

dado em (2) ilustra que, mesmo numa posição mais distante, *tudo* pode quantificar sobre um DP mais alto na estrutura (*as meninas*), fenômeno conhecido na literatura como *Q-float*, ou flutuação de quantificador. Ao comparar os dados apresentados com os dados em (3), vemos que as ocorrências de *tudo* coloquial assemelham-se às de *todo* e suas flexões — em (3), os parênteses representam as posições possíveis para a ocorrência do item *todo(s)* associado ao DP em destaque:

- (3) a. (Todas) **as meninas** (todas) ficaram (todas) assustadas com o barulho do trovão.  
 b. (Todos) **os fatos** (todos) serão (todos) averiguados (todos) com rigor.  
 c. (Toda) **a Câmara** (toda) está (toda) perplexa com o veto do presidente.  
 d. (Todo) **o rebanho** (todo) foi (todo) conduzido (todo) pelo pastor.

Em línguas como o francês e o inglês, por exemplo, é bastante vasta a discussão na literatura sobre o fenômeno de *Q-float* (cf. KAYNE, 1975; SPORTICHE, 1988; BALTIN, 1995; BOBALJIK, 1995; BRISSON, 1998; BOŠKOVIĆ, 2004; FITZPATRICK, 2006; CIRILLO, 2009). Isso porque há duas profícuas vertentes de análise para os chamados “quantificadores universais flutuantes”: uma “vertente adverbial”, segundo a qual os quantificadores flutuantes são considerados advérbios associados a um DP por meio de uma regra interpretativa (BALTIN, 1995; BOBALJIK, 1995; BRISSON, 1998, entre outros); e uma “vertente com movimento”, segundo a qual um quantificador flutuante e um DP a ele associado formam um constituinte em algum estágio da derivação, sendo o fenômeno de *Q-float* o enalhe do quantificador, ocasionado pelo movimento do DP para uma posição mais alta na estrutura (SPORTICHE, 1988; SHLONSKY, 1991; BOŠKOVIĆ, 2004; entre outros).<sup>5,6</sup>

Há também, na literatura, certa discussão sobre o estatuto categorial de quantificadores flutuantes: alguns os analisam como elemento interno ou adjungido ao DP, outros como núcleos funcionais que projetam seu próprio sintagma e selecionam o DP associado como argumento. Nós assumimos frente aos dados do PB a vertente com movimento, em que *tudo* e DP formam um constituinte no início da derivação, bem como assumimos que itens como *todo*<sup>7</sup> são núcleos funcionais,  $Q^0$ , capazes de selecionar como argumento um elemento nominal (GUERRA VICENTE, 2006; SEDRINS, 2011; LACERDA, 2012; CRUZ, 2016; CRUZ; GUERRA VICENTE, 2016; GUERRA VICENTE; QUADROS GOMES; LUNGUINHO, 2016; TRANNIN, 2016).

O fato de o quantificador compartilhar traços de concordância com o nominal ao qual está associado independentemente da posição que ocupa na sentença (cf. GUERRA VICENTE, 2006; SEDRINS, 2011), como evidenciado em (3) (e também em (5)<sup>8</sup>), bem como poder gerar

5 Pela proposta de Bošković (2004), o quantificador é adjungido aciclicamente ao nominal associado após este se mover de sua posição- $\theta$ . Sua análise está fundamentada nos pressupostos de (i) Chomsky (1986, apud BOŠKOVIĆ, 2004), para quem a adjunção a argumentos interfere na atribuição de papéis- $\theta$ , e (ii) Lebeaux (1988, apud BOŠKOVIĆ, 2004), para quem adjuntos podem entrar na estrutura de modo acíclico. A partir desses mecanismos e de uma gama de evidências em dados translinguísticos, o autor formula a seguinte generalização: “quantificadores não podem flutuar em posições- $\theta$ ” (BOŠKOVIĆ, 2004, p. 685, tradução nossa).

6 Há ainda uma vertente de análise híbrida, que propõe que, para algumas línguas, as duas vertentes clássicas supracitadas devem ser consideradas (cf. FITZPATRICK, 2006; CIRILLO, 2009).

7 Quando nos referirmos a “itens como *todo*” ou “itens da série de *todo*”, estaremos nos referindo a *todo* e suas flexões de número e gênero (*todo, toda, todos, todas*) bem como a *tudo* coloquial (*os filho/as filha tudo*).

8 Para uma discussão mais detalhada a respeito da questão dos traços- $\phi$  de *tudo*, remetemos o leitor a Cruz (2016).

leituras distintas, de quantidade ou de intensidade, em contextos sintáticos específicos como em (4) (cf. Guerra Vicente e Quadros Gomes (2013)), além de não precisar se adjungir à borda de nenhum constituinte ou material sintático (cf. Guerra Vicente (2006), contra Bobaljik (1995)<sup>9</sup>), como evidenciado em (6), faz-nos descartar uma análise adverbial dos quantificadores flutuantes para o PB.

- (4) a. Os avós estão todos bobos (com o nascimento do neto).  
 a'. leitura quantificacional (D-quantificação): Todos os avós estão bobos.  
 a''. leitura intensificacional (A-quantificação): Os avós estão completamente bobos.

(GUERRA VICENTE; QUADROS GOMES, 2013, p. 114, dado (4))

- b. Dormimos tudo errado essa noite.  
 b'. leitura quantificacional: Todos nós dormimos mal essa noite.  
 b''. leitura intensificacional: Dormimos muito mal essa noite.

(Adaptado de Trannin (2016, p. 78, dado (64))

- (5) a. Tudas as meninas do Brasil vão me odiar. Eu nao quero!  
 b. Troquei as conexão tudinhas faz semana.

(TRANNIN, 2016, p. 74, dados (52) e (55))

- (6) a. Os menino vieram tudo.  
 b. A: Quem veio?  
 B: Os menino tudo.  
 c. Os menino tudo e a Maria vão ao cinema.

(GUERRA VICENTE, 2006, p. 94, dado (37))

Além disso, assumimos que itens como *todo* são núcleos funcionais, como evidenciado por Guerra Vicente (2006) e Shlonsky (1991) para os dados do PB e do hebraico, respectivamente.

<sup>9</sup> De acordo com Bobaljik (1995), quantificadores, enquanto advérbios, podem flutuar em posições onde não há vestígio de DP (o que, em tese, vai contra uma análise com movimento do DP), desde que adjungidos à borda esquerda de material sintático, como o contraste entre (i.a) e (i.b-c) evidencia:

- (i) a. *Larry, Darryl and Darryl came into the café \* all.*  
 'Larry, Darryl e Darryl entraram no café todos.'  
 b. *Larry, Darryl and Darryl came into the café √ all [<sub>pp</sub> at the same time.]*  
 'Larry, Darryl e Darryl entraram no café todos ao mesmo tempo.'  
 c. *Larry, Darryl and Darryl came into the café √ all [<sub>pp</sub> very tired.]*  
 'Larry, Darryl e Darryl entraram no café todos muito cansados.'

(BOBALJIK, 1995, p. 213, dados (32a-c))

Conforme já havia observado Lacerda (2012), analisar a estrutura de um quantificador como interno ao DP (situado em SpecDP) ou como um adjunto, adjungido à esquerda de DP, acarreta problemas. Por exemplo, um traço de tópico presente no DP objeto em (7) provocaria a topicalização equivocada de toda a expressão quantificada:

- (7) ??<sub>[DP]</sub> Todos os livros]<sub>i</sub>, o João leu t<sub>i</sub> semana passada.<sup>10</sup>

(LACERDA, 2012, p. 41, dado (1))

Além disso, estando o traço de tópico presente no DP, não seria possível derivar a sentença perfeitamente gramatical em (8), em que apenas *os livros* é topicalizado, visto que não seria possível mover apenas um segmento (D') do DP, caso o quantificador fosse gerado em SpecDP:

- (8) [<sub>DP</sub> Os livros]<sub>i</sub>, o João leu todos t<sub>i</sub> semana passada.

(LACERDA, 2012, p. 42, dado (3))

Como também observado pelo autor, estando o quantificador interno ao DP ou adjungido à esquerda dele, haveria sobregeração (*overgeneration*) de sentenças, como em (9), por exemplo, em que o quantificador porta traço de foco (sendo tal traço licenciado na periferia esquerda alta da sentença).

- (9) \*<sub>[FocP]</sub> TODOS<sub>i</sub> [<sub>TP</sub> o João leu [<sub>DP</sub> t<sub>i</sub> [<sub>DP</sub> os livros]] semana passada]]

(LACERDA, 2012, p. 41, dado (5b))

Assumindo-se que *todo* é um núcleo funcional e que expressões quantificadas projetam QPs<sup>11</sup>, os problemas supracitados são resolvidos. Por exemplo, de acordo com Lacerda (2012), em (8), se o núcleo Top<sup>0</sup> atuasse como sonda da expressão quantificada em que apenas o DP apresentasse traço de tópico, o movimento do DP para SpecTopP ocorreria sem obrigar o deslocamento do quantificador.

10 O autor confirma que há diferentes julgamentos de aceitabilidade para a sentença, mas que, para ele, o dado é marginal. Aguiar (2007) argumenta que um DP quantificado pode ser topicalizado quando possui uma estrutura complexa, com modificação interna, tanto em situações discursivas com retomada de contexto como fora de contexto (*out of the blue*). Pela análise da autora, a topicalização do DP quantificado no exemplo em (7) é um pouco degradada, para alguns, pois um NP partitivo que modificaria a expressão quantificada estaria elidido. Com essa modificação explícita, a sentença torna-se perfeitamente gramatical:

- (i) Todos os livros de sintaxe, o João leu na semana passada.

11 Nem todos os quantificadores projetam QPs. Por exemplo, segundo Avelar (2006 apud LACERDA, 2012), os quantificadores *muitos*, *poucos* e *vários* projetam NumPs. De acordo com Lacerda (2012), tal afirmação é correta, visto que, sendo NumPs, tais itens lexicais podem (i) estar em distribuição complementar com numerais cardinais, (ii) aparecer à direita de determinante, e (iii) coocorrer com um quantificador de tipo Q<sup>0</sup>, como mostrado em (A):

- (A) Todos os muitos/poucos/vários/vinte alunos (que estavam na sala) já saíram.

Dessa forma, Lacerda (2012) assume a estrutura nominal em (B):

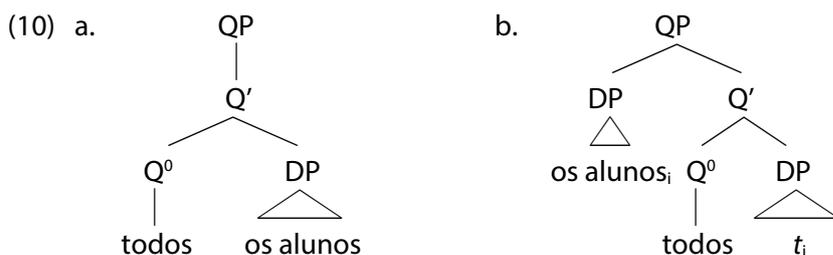
- (B) [<sub>QP</sub> todos [<sub>DP</sub> os [<sub>NumP</sub> muitos/poucos/vários [<sub>NP</sub> alunos]]]]

O autor discute a estrutura interna de diferentes quantificadores que projetam QPs, porém, nas seções seguintes, iremos nos ater apenas à sua análise de itens da série de *todo*, que são o foco do presente trabalho. Na seção 2, apresentamos a proposta de Lacerda (2012) para a derivação da expressão quantificada frente à ordem DP+Q e discutimos o principal problema da proposta do autor: a postulação de uma projeção vazia qP que conferiria a visibilidade da expressão quantificada ao sistema para computações futuras, como checagem/valoração de Caso, por exemplo; na seção 3, apresentamos nossas considerações finais, indicando uma hipótese de análise para a ordem DP+Q, mas deixando-a em aberto para estudos posteriores.

## 2 LACERDA (2012): A ORDEM DP+Q ENVOLVE FENÔMENOS INFORMACIONAIS

O objetivo de Lacerda (2012) é mostrar que o fenômeno de flutuação de quantificadores no PB é resultado de movimento sintático (segundo Sportiche (1988) e Guerra Vicente (2006)) e que tal fenômeno está relacionado ao discurso (segundo Valmala Elguea (2008 apud LACERDA, 2012)).<sup>12</sup> Segundo Lacerda (2012), o(s) movimento(s) sintático(s) que origina(m) a flutuação de quantificadores também pode(m) alcançar projeções informacionais, como as de tópico e foco, como aquelas projeções periféricas propostas em Rizzi (1997) e Belletti (2004).

Lacerda (2012) segue Guerra Vicente (2006) ao assumir que (i) *todos* no PB seleciona um DP como complemento, conforme ilustrado em (10a), e que (ii) o reordenamento interno do DP em relação ao QP forma um constituinte sintático, como evidenciado por testes de constituintes aplicados por Guerra Vicente (2006) e Shlonsky (1991), originando a ordem DP+Q:



(GUERRA VICENTE, 2006, p. 98-99, dados (41) e (42))

Porém, o autor afirma que a ordem DP+*todos* em (10b), como proposta em Guerra Vicente (2006) (e em Shlonsky (1991), para a ordem DP+*kol* nos dados do hebraico), fere a Hipótese de Antilocalidade (GROHMANN, 2003, 2011 apud LACERDA, 2012), que proíbe que o movimento seja muito local. Em outras palavras, o movimento interno do DP da posição

<sup>12</sup> Na proposta de Sportiche (1988), o quantificador flutuante é um elemento inerte, incapaz de sofrer movimento sintático, ficando enclachado na posição em que é gerado após o movimento do DP associado. No entanto, para Lacerda (2012) e Valmala Elguea (2008 apud LACERDA, 2012), ele não é inerte, sendo capaz de se movimentar por questões discursivas.

de complemento para a posição de especificador de QP é banido porque não cruza pelo menos uma projeção máxima, como ilustrado em (11), a seguir.

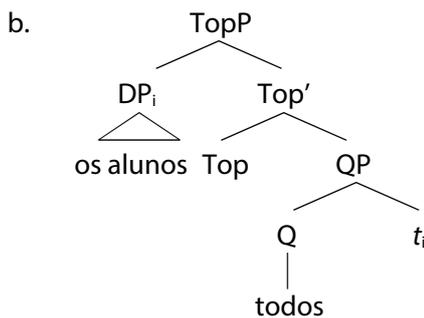
(11) **Proibição de movimento de complemento para especificador**

\*[<sub>XP</sub> YP<sub>i</sub> [<sub>X'</sub> X<sup>0</sup> YP<sub>i</sub>]]

(GROHMANN, 2011 apud LACERDA, 2012, p. 85, ex. (74))

Dessa forma, Lacerda (2012) sugere como hipótese que o PB apresenta camadas informacionais na estrutura nominal, logo acima do QP projetado por *todos*. O autor justifica sua hipótese na argumentação de Guerra Vicente (2006) de que a ordem DP+Q é favorecida em contextos nos quais há noções discursivas como referencialidade e resumitividade.<sup>13</sup> Assim, Lacerda (2012) argumenta que essas nuances interpretativas podem ser captadas na sintaxe com a projeção de tópico sobre QP (o que resolveria o problema de minimalidade da proposta de Guerra Vicente (2006)). Assim, a derivação para a ordem DP+*todos* se daria como em (12):

(12) a. Os alunos todos.



(LACERDA, 2012, p. 86, dado (75))

A posição de tópico que o DP ocupa em (12) carregaria a noção de referencialidade, ou seja, de “informação velha”, já saliente no contexto.

Em relação a *tudo*, Lacerda (2012) afirma que seu uso “peculiar” como quantificador no PB seria a contraparte coloquial de *todos*: *tudo* pode selecionar um DP como complemento e, também, flutuar. O autor constata a impossibilidade da ordem *tudo*+DP tanto na posição de sujeito quanto na de objeto de uma sentença (rever nota de rodapé n. 1).

Para explicar a agramaticalidade de *tudo*+DP em posição de sujeito da sentença, o autor levanta a hipótese de que *tudo* não possui traços-φ, sendo “incapaz de estabelecer a concordância com a flexão verbal em T<sup>0</sup>” (LACERDA, 2012, p. 52), como ilustrado em (13),

13 Para Guerra Vicente (2006), a ordem Q+DP é *default*, favorecida em contextos *out of the blue*, ao passo que a ordem DP+Q só é licenciada em contextos com as noções discursivas apontadas. A autora utiliza essa argumentação para justificar, em sua proposta, a adoção de um traço-EPP em Q que forçaria o movimento do DP para SpecQP. Porém, a autora reconhece que a ordem *default* é capaz de codificar ambas as leituras, fenômeno para o qual ela não apresenta uma explicação.

em que nem a morfologia *default* de singular é capaz de salvar a sentença do fracasso, visto que não há concordância:

- (13) a. \*Tudo os alunos fez a prova.  
 b.  $*[{}_{TP} T_{\phi} + \text{fazer} [{}_{VP} [{}_{QP} \text{ tudo}_{[\phi-]} [{}_{DP} \text{ os alunos}]] [{}_{VP} \text{ a prova}]]]$   
 (Note: A bracket labeled \*Agree spans from the  $T_{\phi}$  to the  $DP$  in the structure above.)

(LACERDA, 2012, p. 53, dado (35))

Todavia, na posição de objeto também não é possível encontrar a mesma ordem, como (14a) ilustra. Nas sentenças em (14) e (15) a seguir, o segmento em caixa alta está marcado com acento focal:

- (14) a. \*Eu já comprei [tudo os Livro].  
 b. Eu já comprei [os livro TUDO].  
 (15) a. Eu dei [TUDO os livro] ontem pra Maria.<sup>14</sup>  
 \*Eu dei PRA MARIA ontem tudo os livro.

(LACERDA, 2012, p. 53, dados (36) e (37))

Cumpra pontuar a alegação do autor de que, em (15a), a focalização do quantificador licencia a ordem *tudo*+DP (ou a ordem DP+*tudo*, no caso de (14b)). Em (15b), a focalização de outro elemento na sentença barra a ordem *tudo*+DP. Assim, o autor conclui que a ocorrência de (14b) e (15a) se deve à marcação inerente de valor informacional de foco do quantificador *tudo*, que o obriga sempre a mover-se para uma camada estrutural de foco, projetada sobre o QP. A derivação para a ordem DP+*tudo* se daria com dois movimentos sintáticos para a periferia esquerda do QP: o movimento do DP para SpecTopP (como em DP+*todos*) e o movimento obrigatório de Q para Foc, como mostrado em (16):

- (16) a. Os aluno(s) tudo.  
 b.

(LACERDA, 2012, p. 87, dado (76))

Segundo Lacerda (2012), assim como projeções informacionais da periferia esquerda baixa são “transparentes” para as relações entre  $T^0$  e  $vP$ , as projeções de foco e tópico acima de

<sup>14</sup> Cruz (2016) rejeita o dado, mencionando que a maioria de seus informantes também o julgou agramatical, mas não de modo unânime; o autor não coletou em seu trabalho nenhum dado com ordem *tudo*+DP, assim como a literatura em geral, conforme mencionado na nota de rodapé n.1. Na perspectiva de Trannin (2016), tal dado seria gramatical na gramática “radical”, mais permissiva, do uso de *tudo*, embora seja agramatical na gramática chamada de “restritiva” pela autora.

QP não interferem em sua visibilidade para o sistema: o autor postula, então, uma projeção qP vazia sobre TopP, encabeçando a estrutura nominal, que assegurará a visibilidade de QP (independentemente da ordem: DP+Q ou vice-versa) para o sistema:

$$(17) \quad [_{qP} q [_{TopP} [_{Top'} Top [_{FocP} [_{Foc'} Foc [_{QP} Q [_{DP} ]]]]]]]]$$

(Adaptado de Lacerda (2012, p. 87, ex. (77))

Porém, Lacerda (2012) admite que faltam evidências independentes para as estruturas sugeridas em (17), que corroborariam a proposta de movimento internamente ao domínio nominal/quantificacional para projeções informacionais periféricas.

Consideramos *ad hoc*, na proposta de Lacerda (2012), a postulação de uma projeção vazia qP que asseguraria a categorialidade e a visibilidade da estrutura nominal para o sistema. Recapitulemos que, pela proposta do autor, o DP é originado como complemento de Q no sintagma QP, sendo *default* a ordem *todos/tudo*+DP. Se o DP não tem valor informacional neutro, isto é, se é selecionado do léxico com um traço de tópico ou foco, haverá a projeção de uma camada informacional na periferia esquerda de QP para onde o DP possa se mover. No caso de *tudo*, que é intrinsecamente marcado com foco, o movimento do quantificador para Foc ocorre obrigatoriamente, podendo ocorrer o movimento do DP (ou não), para a posição de SpecTopP. Acima dessa estrutura ainda é projetado um qP, para garantir, por exemplo, que o DP não fique sem Caso, pois a sonda da flexão verbal em T seria capaz de encontrar qP ativo como alvo, ocorrendo o *pied-piping* de toda a expressão para checagem/valoração de Caso nominativo.

Lembremos que as posições de tópico e foco na periferia do domínio nominal são posições-A', isto é, não argumentais, e que o movimento de elementos argumentais para essas posições inviabilizaria, teoricamente, um posterior movimento-A. Acrescente-se a isso o fato de que o autor assume que a periferia esquerda nominal se comportaria como a periferia esquerda baixa proposta por Belletti (2004), sendo "transparente" para o sistema. Ao postular a existência de um qP a fim de resolver esses problemas, Lacerda (2012) não licencia a existência dessa projeção funcional, ou seja, ela é proposta como uma solução *ad hoc*.

Giusti (2002), ao analisar a estrutura funcional de sintagmas nominais em línguas românicas, balcânicas e germânicas, estabelece um "princípio de economia de inserção lexical" (DIMITROVA-VULCHANOVA; GIUSTI, 1998 apud GIUSTI, 2002), segundo o qual:

- (18) Uma projeção funcional deve ser licenciada em todos os níveis de representação por:
- Fazer o especificador visível;
  - Fazer o núcleo visível.

(GIUSTI, 2002, p. 70, ex. (42), tradução nossa)<sup>15, 16</sup>

15 No original: "Principle of economy of lexical insertion: / A functional projection must be licensed at all levels of representation by / a. Making the specifier visible; / b. Making the head visible" (GIUSTI, 2002, p. 70).

16 Giusti (2002) afirma que os itens (18a) e (18b) podem ser conjugados (*doubly filled Comp* pode ser um exemplo de conjugação dos dois itens do princípio) ou podem estar separados, isto é, determinadas línguas podem apresentar em suas projeções apenas um dos dois itens do princípio. Giusti (2002) afirma que a conjugação ou separação dos itens do princípio depende da língua, da projeção e do elemento na posição de Spec.

Esse princípio implica que, para licenciar a existência de uma projeção funcional (que Giusti (2002) afirma ser uma operação de último recurso), deve existir a possibilidade de se inserir material na posição de especificador ou de núcleo (ou as duas possibilidades, cf. nota de rodapé n. 16) dessa projeção em algum momento da derivação. Do contrário, tal projeção não é licenciada. Dessa forma, seguindo o raciocínio de Giusti, não há como licenciar uma projeção qP, pela proposta de Lacerda (2012), cujo núcleo é esvaziado de traços e cuja posição de especificador não abriga nenhum elemento (nem como local de pouso).

Outro problema a ser apontado na proposta de Lacerda (2012) tem a ver com a afirmação de que *tudo* é inerentemente marcado para foco. Vemos que uma sentença como (15b), repetida a seguir como (19a), com a focalização do PP objeto indireto, considerada agramatical em certas variedades mais restritivas em relação ao uso de *tudo* (TRANNIN, 2016), torna-se completamente gramatical com a ordem DP+*tudo* (como exemplificado em (19b)):

- (19) a. \*Eu dei PRA MARIA ontem tudo os livro.  
b. Eu dei PRA MARIA ontem os livro tudo (e não pro João).

Lembremos que Lacerda (2012) afirma que a focalização de outro elemento barra a ordem *tudo*+DP, justamente porque *tudo* é inerentemente focalizado. O que dizer de (19b), perfeitamente aceitável, com o mesmo PP sendo focalizado? Como discutido por Rizzi (1997), só pode haver um elemento focalizado na estrutura (pois a própria noção de estrutura foco-suposição não é compatível logicamente com mais de um elemento focalizado). Dessa forma, não poderíamos simplesmente relegar a impossibilidade de *tudo*+DP em (19a) à focalização de outro elemento, visto que a ordem DP+*tudo* também envolve, pela proposta de Lacerda (2012), a focalização de *tudo* na periferia do QP.

A proposta do autor, como um *tudo*, é bastante interessante do ponto de vista de sua capacidade de captar noções discursivas por meio de movimentos sintáticos a projeções periféricas. Porém, ainda há problemas nessa análise para a derivação da ordem DP+Q, uma vez que ela carece de motivações independentes, tornando-se, de certa forma, estipulativa.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme já mencionado anteriormente, o PB coloquial tem variedades que não apresentam a ordem *tudo*+DP, estando prevista apenas a ordem DP+*tudo* (como demonstrado nos dados e análises da maioria da literatura sobre o assunto). Porém, há outras variedades nas quais a possibilidade de ocorrência do DP em relação a *tudo* é mais livre (como em (1c) e (1d)). Trannin (2016) argumenta que há, então, duas gramáticas distintas para o PB em relação ao uso de *tudo*. Aceitando essa hipótese, poderíamos sugerir que a diferença entre as duas se dá na forma como o núcleo *tudo* seleciona seu argumento:<sup>17</sup> na gramática em que apenas a ordem DP+*tudo* é lícita, pode-se argumentar que o DP é gerado como argumento

<sup>17</sup> Trata-se de uma hipótese a ser explorada em estudos posteriores.

externo de *tudo* (motivo por que não há a ordem *tudo*+DP em nenhum contexto);<sup>18</sup> já na outra gramática, em que a ordem *default* é *tudo*+DP, o DP seria gerado como argumento interno, podendo ou não se mover para a esquerda do QP. Nesse último caso, resta verificar quais contextos pragmáticos favorecem uma ou outra ordem e qual o local de pouso do DP — que não nos parece ser numa possível periferia informacional do QP, como sugerido por Lacerda (2012), pois não há evidências independentes para suportar a afirmação de uma projeção que asseguraria a visibilidade do complexo DP+Q para computações futuras (como checagem/valoração de Caso, por exemplo).

18 Conforme já havia notado Cançado (2006), geralmente, em registros coloquiais do PB, quando há queda da flexão de número no sintagma nominal, apenas o elemento mais à esquerda carrega a flexão morfológica. É exatamente o que ocorre na expressão DP+*tudo*: apenas o determinante é obrigatoriamente flexionado em número.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, A. C. N. *Da estrutura de expressões nominais quantificadas em posição de tópico*. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007.
- BALTIN, M. R. Floating quantifiers, PRO and predication. *Linguistic Inquiry*, v. 26, n. 2, p.199-248, 1995.
- BELLETTI, A. Aspects of the low IP area. In: RIZZI, L. (ed.). *The structure of CP and IP: the cartography of syntactic structures*. New York: Oxford University Press, 2004. p. 16-51.
- BOBALJIK, J. D. *Morphosyntax: the syntax of verbal inflection*. PhD dissertation – Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, 1995.
- BOŠKOVIĆ, Ž. Be careful where you float your quantifiers. *Natural Language & Linguistic Theory*, n. 22, p. 681-742, 2004.
- BRISSON, C. M. *Distributivity, maximality, and floating quantifiers*. PhD Dissertation – Rutgers University, New Brunswick, NJ, 1998.
- CANÇADO, M. O quantificador *tudo* no PB. *Letras*, Curitiba, n. 70, p. 157-182, set./dez. 2006.
- CIRILLO, R. *The syntax of floating quantifiers: stranding revisited*. PhD Dissertation – Universiteit van Amsterdam, 2009.
- CRUZ, A. S. “Os ‘quantificador’ tá *tudo* flutuando”: uma análise de “*tudo*” como modificador de grau no Português Brasileiro. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.
- CRUZ, A. S.; GUERRA VICENTE, H. S. A palavra TUDO como modificador de grau no PB coloquial. *Linguística*, v. 12, n. 2, p. 87-109, 2016.
- FITZPATRICK, J. *The syntactic and semantic roots on floating quantification*. Doctoral Dissertation – Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, 2006.
- GIUSTI, G. The functional structure of noun phrases: a bare phrase structure approach. In: CINQUE, G. (ed.). *Functional structure in DP and IP: the cartography of syntactic structures*. v. 1. New York: Oxford University Press, 2002. p. 54-90.
- GODOY, L. A. G. *A palavra *tudo* como quantificador universal puro no Português Brasileiro*. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.
- GUERRA VICENTE, H. S. *O quantificador flutuante todos no português brasileiro e no inglês: uma abordagem gerativa*. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2006.
- GUERRA VICENTE, H. S.; QUADROS GOMES, A. P. Um tratamento unificado de grau para o quantificador flutuante e o intensificador ‘todo’. *Linguística*, v. 9, n. 1, p. 112-132, 2013.

GUERRA VICENTE, H. S.; QUADROS GOMES, A. P.; LUNGUINHO, M. V. Uma análise sintático-semântica de grau para todo-all no português brasileiro. Ms. 2016.

KAYNE, R. *French syntax: the transformational cycle*. Cambridge: MIT Press, 1975.

LACERDA, R. *Quantificadores flutuantes no português brasileiro*. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

RIZZI, L. The Fine Structure of the left periphery. In: HAEGEMAN, L. (ed.). *Elements of grammar: a handbook of Generative Syntax*. Dordrecht: Kluwer, 1997. p. 281-337.

SEDRINS, A. P. O quantificador *todos* no português brasileiro: ordem e padrões de concordância. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, 40:1, p. 207-219, jan./abr. 2011.

SHLONSKY, U. Quantifiers as functional heads: a study of Quantifier Float in Hebrew. *Lingua*, 84, p. 159-180, 1991.

SPORTICHE, D. A theory of floating quantifiers and its corollaries for constituent structure. *Linguistic Inquiry*, 19:3, p. 425-449, 1988.

TRANNIN, J. B. *Tudo na história do português*. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

*Squib* recebido em 18 de maio de 2020.

*Squib* aceito em 15 de junho de 2020.